

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

A Rainha D. Leonor Rememorando O TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO em Guimarães

Como era de esperar, as comemorações do quinto Centenário do nascimento da Rainha D. Leonor têm decorrido num ambiente de invulgar acontecimento nacional, quer pela sua elevação e pelo seu conceito patriótico, quer pela variedade e importância dos números do programa das mesmas Comemorações.

De facto, tratando-se duma excelente figura de Rainha e de Mãe, que foi, além disso, desvelada protectora dos pobres, para os quais fundou várias Instituições de beneficência, entre elas as Misericórdias, nunca será demais tudo aquilo que se diga e que se faça no sentido de recordar tão nobre e caridosa Soberana.

Uma vez elevada a dignidade de Rainha de Portugal, pelo seu casamento com D. João, encontrou a sua verdadeira felicidade na ardente devoção de praticar o Bem, visto que sofreu os mais crueis desgostos com a infelicidade do marido e com a morte de dois filhos, um dos quais seria o legítimo herdeiro do Trono, seus desgostos que sempre procurou suavizar entregando-se a ser Mãe protectora dos pobrezinhos, não só porque distribuía avultadas esmolas, mas também porque, sobretudo no seu estado de viuvez, durante o longo período de trinta anos, apenas viveu como modelar obreira da Cruzada de piedade, onde encontrava o maior e melhor lenitivo para as suas amarguradas recordações.

Detentora, portanto, de tão raras qualidades e virtudes, foi cognominada a «Perfeitíssima», como ainda hoje é conhecida na invocação do seu nome.

Quanto à data do seu nascimento, são diferentes as opiniões de alguns cronistas, por quanto uns afirmam que Ela nasceu a dois de Maio de 1458, enquanto que Frei Jorge de São Paulo, indica a noite de oito de Dezembro daquele ano como data desse acontecimento, afirmando o seguinte:

«Quando o Ceo se mostrava aos homes mais formoso e resplandecente com as matizes de diversos diamantes, ornado com varias luzes, e a Lua lançava seus raios emprestados do luminoso e radiante Planeta da quarta Esphera, no tempo que acabava seu ordinario curso, quero dizer no crepusculo da noite de oito de Dezembro do ano de 1458, Dia em que a Santa Igreja Catholica celebra a solenissima festa da Immaculada Conceição da Raynha do Ceu, nasceu na terra a nossa Raynha D. Leonor em o primeiro parto da Infanta D. Beatriz na antiquissima cidade de Beja de que seus Pays são senhores, entre todas as de Portugal a mais celerissima chamada pelos Antiquarios «Pax Julia», por ser huma das Cinco Colonias dos Romanos, quando dominavão a Provincia da Luzitania».

Nesta transcrição, a parte essencial do registo do nascimento da referida Rainha, mantem-se a redacção e a ortografia do original donde foi extraída, razão por que não devem ser tomadas como *gralhas* as palavras que contrariam a ortografia actual.

E depois deste ligeiro parêntesis, resta-nos ainda salientar, como número do programa das citadas comemorações, do Congresso das Misericórdias, de tão flagrante oportunidade, que deu ensejo à apreciação de comunicações apresentadas por diversos congressistas versando assuntos de grande interesse para a vida destas beneméritas Instituições de Caridade, cuja falta de recursos não lhes permite, pelo menos na sua grande maioria, corresponder à finalidade que lhes imprimiu a sua insigne Fundadora, integrando-as no maravilhoso conceito das Obras de Misericórdia.

No entanto, é de crer que melhores dias lhes estejam reservados e que, assim, nova vida e nova alma venham tornar mais positiva e mais efectiva a sua tradição, conforme os votos expressos no Congresso, de cujas conclusões destacamos a seguinte afirmação:

«Nas Misericórdias reside o melhor equipamento de protecção social hoje existente, impondo-se que a sua instituição é solução que oferece poderosas virtualidades na causa da promoção social dos povos em via de desenvolvimento e que, quer pela irradiação de ideia cristã que é a própria seiva de que vivem, quer pela fisionomia própria — a um tempo tradicional e democrática, estável e progressiva — é a que melhor garante que se não perca nunca a escala do hu-

mano no cumprimento dos programas de justiça social.»

Foi ainda posta em relevo a necessidade de se tornar inadiável uma ampla expansão dos benefícios efectivos de protecção às classes mais desfavorecidas, cuja condição geral, em nível de vida assim como em nível educacional e sanitário, não tem acusado suficientes melhorias.

Por sua vez, Sua Excelência o Ministro da Saúde e Assistência, que encerrou o Congresso, disse, entre o mais, o seguinte:

«Os princípios que devem informar a acção sanitária e assistencial do Estado são: o respeito pela dignidade dos homens e pelas virtu-

X.

Continua na 2.ª página.

VERDADES

Por AURORA JARDIM

Há quem declare não ser supersticioso, mas não passe por baixo de uma escada nem se sente à mesa onde estão doze.

As Memórias que os escritores escrevem — serão verdadeiras?!

A carta de amor que envelheceu fica sendo uma coisa errada.

O melhor é rasgá-la a meio caminho: enquanto tem perfume.

Escreveu Carlos Queiroz: — O público, essa multidão amorfa de pacíficos credores, só reconhece, compreende e estima uma arte, quando ela já adormeceu.

Mesmo que a saudade pelo filho ausente seja dolorosa, há sempre que preparar a festa natalícia para os que estão.

Cada qual tem o seu lugar e cada lugar é precioso.

O Presidente da Câmara de S.ª Marta de Penaguião

foi homenageado na Penha

Tendo pedido a sua demissão do cargo de Presidente da Câmara Municipal de Santa Marta de Penaguião, o sr. dr. Arnaldo do Vale Frias Ferreira, que desempenhou aquele cargo com elevado apuro, foi homenageado no dia 8 do corrente num banquete que teve lugar no Hotel da Estância da Penha, e a que assistiram para cima de 80 pessoas das diversas camadas sociais daquele concelho e de outras localidades.

Aos brindes foram exaltadas as qualidades do homenageado em vibrantes discursos que proferiram, entre outros, os srs. eng. José Sarmiento, dr. Amândio Figueiredo, dr. Gil Requeiro, dr. Braga da Cruz, antigo Governador Civil do Porto, dr. Custódio Frias Ferreira e António Carvalhais Gama. O homenageado, que falou por último, agradeceu visivelmente emocionado tamanhas provas de estima e consideração.

Dr. Daniel de Sá

Em Nine (Famalicão) foi recentemente inaugurado o melhoramento da iluminação pública, que se tornou possível mercê do franco acolhimento dispensado pelo sr. dr. Daniel Nunes de Sá, motivo por que naquela altura lhe foi prestada uma merecida homenagem, sendo feito o descerramento de uma placa com o seu nome.

Por tal motivo nos cumpre felicitar o prestigioso amigo,

Na Casa do Cabido ferrouhava-se o Tesouro de Nossa Senhora da Oliveira.

Este escripto precioso de jóias sacras, tinha arrumação em armários.

Simplez arrumação. Celebrizavam-no, falavam dele com grande admiração, os críticos de arte. Algumas das suas peças — acrescentam esses críticos ainda hoje — são tão notáveis, que não têm iguais os museus portugueses.

Mas era — *Tesouro encantado!* Quem vinha à nossa terra com o deliberado propósito de ver o Tesouro de Nossa Senhora da Oliveira, passava trabalhos... à procura do *homem das chaves!*

Deste facto anómalo surgiam queixas. Foi mercê de algumas destas queixas que, um dia, baixou das estâncias superiores um *último* formal: — Caso não tomem providências, facilitando a visita ao Tesouro, as suas peças recolhem a Lisboa para serem distribuídas pelos museus da cidade!

Esta determinação expressa em officio, passou-me pelos olhos. Estava então presidindo à Comissão dos Bens Eclesiásticos, arrolados pelo Estado, à face da Lei da Separação.

Para obter semelhante contingência, entendi-me com a direcção da Sociedade Martins Sarmento. Era então presidida pelo insigne vimaranense Dr. Joaquim José de Meira.

Combinada a entrega, feito o inventário, lavrado o termo, o *Tesouro da Colegiada* passou à guarda e administração da instituição vimaranense.

Esta medida, porém, não havia de passar de mera transferência de poderes. As facilidades de visita ao Tesouro da Colegiada, pouco melhoraram.

Tudo estava dependente... do *homem das chaves!*

Agora, um pequeno episódio: Há coisa de 38 anos, havendo passado pelo exercício da presidência da Câmara — ingloriamente! — tive o propósito de lançar a iniciativa de se criar em Guimarães um Museu de Arte Religiosa. Tentei alcançar, por compra do Município, a Casa do Cabido. Precações surgiram, dos quais resultou a venda da referida propriedade, por seis mil escudos, à Caixa Geral dos Depósitos.

Continua na 2.ª página.

No diário de Lisboa, «A Pátria», protestei contra o procedimento anti-nacional do Ministério da Justiça. Com tal veemência o fiz, que o resultado foi este: ser demitido da Comissão Concelhia dos Bens Eclesiásticos, não só por me recusar a fazer a entrega da propriedade vendida, mas ainda pela atitude de rebeldia publicamente tomada pela imprensa.

Assim se gorou uma generosa tentativa que tinha em vista lançar as bases de um Museu de Arte Religiosa, em Guimarães.

Nada mais desagradável aos espíritos combativos que narrar os seus insucessos. Recordando o malogro da minha tentativa, mais faço avultar a grandeza do acto decisivo e corajoso de quem realizou na sua terra uma obra notabilíssima — a fundação do Museu Regional Alberto Sampaio.

Foi em 1928. Alfredo Guimarães, voltando de Lamego à sua terra natal, logo se votou à tarefa de fundar um Museu de Arte Religiosa.

No seu espírito profundamente baírrista — ele que era um esteta, apaixonado pelas Artes e Letras —, fez-se o propósito de lançar a iniciativa de um museu, aquele que mais se impunha para expor o nosso grande património sacro.

Nessa tarefa teve, sem dúvida, a ajuda de muito boas vontades — umas colhidas da parte dos seus vimeiranos, outras providas de elementos estranhos à terra.

Neste último sector, devo distinguir Marques Abreu, gravador portuense de renome, com uma larga soma de relações.

Foi o ministro Dr. Alfredo de Magalhães quem homologou o decreto do Museu Regional de Alberto Sampaio.

De perto, muitíssimo de perto, segui os trabalhos deste admirável comitê de Alfredo Guimarães. Cumpro, em nome da justiça e da verdade, um singelo dever de gratidão como vimaranense, vindo aqui exaltar o conterrâneo preclaro que soube levar à frente, sem desfalecimentos, uma obra de prestígio para a arte nacional e de engrandecimento para o património artístico e histórico de Guimarães!

Pois o que era o claustro, o que eram os anexos do claustro da Co-

Continua na 2.ª página.

Liceu Nacional de Guimarães

No passado dia 1.º de Dezembro realizou-se, no salão de festas do nosso liceu, uma brilhante sessão solene de distribuição de prémios aos alunos com melhor aproveitamento escolar no ano lectivo findo, de que por falta de espaço só hoje nos é possível dar o relato circunstanciado.

Assumiu a presidência o sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, ilustre Presidente da Câmara Municipal, ladeado pelos srs. Dr. Américo Guerreiro, reitor do Liceu; Dr. Daniel Nunes de Sá, director da Escola I. e Comercial; Drs. Francisco Zagalo e Antas de Barros, conservadores do Registo Civil e Registo Predial, respectivamente; Coronel Mário Cardoso, presidente da S. M. Sarmiento; Dr.ª Maria Estrela Vieira, subdelegada da M. P. F.; tenente Diamantino Morgado, comandante da G. N. R.; P.ª José Carlos Simões de Almeida, director do Internato Municipal; Dr. José Catanas Diogo, vice-reitor e Dr. Roseiro Boavida, secretário do Liceu.

Depois de entoados os hinos da Restauração e da M. P. pelo orfeão do Liceu, o Reitor usou da palavra para saudar e agradecer a presença da Câmara e demais autoridades, imprensa e a selecta e numerosa assistência.

Congratulou-se com o inicio das obras do novo edificio do Liceu, velha aspiração e premente necessidade desta terra e mais uma grandiosa obra que se fica a dever ao Governo da Nação, para a qual muito contribuiu o dinamismo do sr. Presidente da Câmara e respectiva Vereação. Salientou o significado do Dia da Mocidade, felicitou aqueles que iam receber os prémios destinados a galardoar os seus trabalhos escolares e exortou os alunos em geral a serem bons estudantes e elementos úteis à Pátria, seguindo o exemplo dos bons portugueses de outrora.

Fez depois a apresentação do

conferente, sr. Dr. Adriano Nunes de Almeida, a quem agradeceu a boa vontade com que aceitou o convite, estando certo de que o público iria ouvir um notável trabalho, pois se tratava de um dos mais distintos professores do nosso Liceu.

Terminadas as palavras do sr. Reitor, saudadas com vibrantes aplausos, o Conferente agradeceu as referências que lhe foram feitas e iniciou a leitura da sua conferência, subordinada ao título «Espiritualidade de hoje e Educação de Hoje», cujo tema desenvolveu com brilhante proficiência, focando os vários sistemas educacionais que minimizam o homem como entidade espiritual e se opõem aos seus princípios cristãos e patrióticos que, ao longo dos séculos, têm valorizado Portugal, e apontou os caminhos que corajosamente devemos trilhar na educação da nossa juventude.

Distribuídos os prémios, a que oportunamente já nos referimos, o sr. Presidente da Câmara encerrou a sessão, manifestando a sua satisfação por mais uma vez estar presente a uma festa do estabelecimento de ensino ao qual o ligam laços de simpatia e gratidão. Saudou o Reitor e o Corpo Docente pelo elevado número de prémios distribuídos. Reportou-se à data que se comemorava, louvou os alunos premiados e referiu-se à importância que o novo liceu vai ter no desenvolvimento da cidade. Terminou por felicitar o sr. Dr. Adriano de Almeida pela brilhante lição, que a todos encantou, sendo calorosamente aplaudido.

Esta memorável festa terminou com o hino nacional cantado pelo orfeão do liceu.

O conferente foi muito felicitado no fim da sessão.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

Na vida cultural portuguesa dos últimos quarenta anos a actividade teatral tem permanecido num afluvo plano de mediocridade, só justificado por um desinteresse dos que se debruçam sobre coisas do espírito, ou por uma equivalente insuficiência dos «chavões» da mentalidade nacional.

Enquanto nos outros países há uma tendência acentuada rumo à dignificação da cena e dos que a habitam, em Portugal persiste-se em analisar a actividade teatral apenas no seu valor literário, que de maneira nenhuma constitui o calcanhar de Aquiles do nosso reconhecidíssimo atraso em tal matéria.

Para provar a verdade destas palavras basta ler qualquer critica — que não seja de teatro de revista — para logo concordarmos com a falta de preparação técnica dos escrevinhadores a quem se deve o permanente estado de quase cafrealização de processos, ainda hoje tenazmente defendidos e empregados pela maior parte dos que teimam em *arremedar Teatro* no nosso país.

Estas palavras não se dirigem aos que dedicam as suas horas de lazer a um entretenimento com o nome de teatro (aliás são eles que procuram para além de tudo dar-se a esse amor sem restrições), mas aos corifeus aclamados constantemente pelas tubas da debilidade mental.

Por isto nunca é demais enaltecer as obras sérias que procuram servir a arte que, por ser viva e do homem, só no palco tem existência completa, e só no actor se resolve em toda a magnitude.

Quais são as Companhias portuguesas de teatro que se abalançam a escrever no topo de um cartaz o nome desconhecido de um actor criado nas suas fileiras?

O que interessa é a colaboração do senhor fulano que a critica diz ser um excepcional intérprete, embora ele seja incapaz de se meter na pele do personagem que lhe distribuem, ou de fazer trabalho de equipa com os colegas que com ele contracenam.

No fundo assistimos a umas brincadeiras, ainda que brincadeiras caras, de uns tantos cidadãos, que se entretêm a explorar a ignorância alheia.

Não se julgue, porém, que exigimos que tão prestimosos talentos dediquem a sua actividade àquilo a que o grande público chama *peças para pensar!* De maneira nenhuma. O que se pretende é tão somente que eles dignifiquem o teatro e se dignifiquem a eles próprios, trabalhando honestamente. E no fundo a empresa não é tão difficil como à primeira vista parece.

O Teatro Experimental do Porto que há menos de meia dúzia de anos iniciou a sua actuação, pode constituir um raro, mas positivo exemplo, de que é possível fazer-se alguma coisa pelo teatro em Portugal.

Guimarães assistiu já a dois ou três espectáculos deste agrupamento e pode dizer-se, sem receio de desmentido, que o público teve a sensação de estar perante uma arte nova, sem quaisquer afinidades com um subproduto similar, que tantas vezes lhe têm servido. Ainda em Agosto passado, incluindo nos, a todos os títulos notáveis, Serões de Arte que a Câmara em boa hora organizou, o T. E. P. realizou nos Faços Ducais um espectáculo notável, com uma peçazinha de Camilo. A realização teve uma altura e beleza que o próprio autor do «Morgado de Fafe Amoro» não reconheceria sobre as tábuas do palco a vulgaridade que escreveu.

Pois bem, no próximo dia 15, segunda-feira, o mesmo Teatro Experimental vem a esta cidade iniciar a sua apresentação, que se prolongará por toda a temporada, trazendo até nós algumas das mais recentes criações dos primeiros palcos do mundo civilizado.

Sobre as tábuas do Teatro Jordão, *Volpone*, o *magnifico* ou a *Raposa Velha*, «reaparecerá» rejuvenescido pelo talento de António Pedro e dos actores que à sua volta estão a criar uma obra de que todos nos havemos de orgulhar. A comédia de Ben Jonson permitirá, a quantos forem assistir a este espectáculo, acreditar uma vez mais no ressurgimento do teatro em Portugal e passar duas horas agradabilíssimas, se-

guindo as mil e uma peripécias — algumas de graça irresistível — em que se desdobra a velha comédia de Jonson.

O Teatro Experimental do Porto apresentará em Janeiro, um dos maiores sucessos actuais: *Requiem para uma freira*, de William Faulkner, espectáculo que está causando o mais vivo interesse na cidade do Porto.

A possibilidade da apresentação do T. E. P. em Guimarães depende apenas da forma como os vimaranenses reagirem a esta iniciativa, e é de acreditar que ela esteja votada ao mais clamoroso sucesso, dado que o preço dos bilhetes é perfeitamente acessível a todas as camadas da população.

COMPARTICIPAÇÕES DO ESTADO

Pelo Fundo do Desemprego foram concedidas à Câmara Municipal as comparticipações de 20 contos para as obras em realização do cemitério de Cerdezeiro, e do reforço de 100 contos para as obras de construção do Bairro de Urgeses para famílias pobres.

Dr. Valentim de Almeida e Sousa

Foi nomeado delegado do I. N. T. P. do Porto, o sr. dr. Valentim de Almeida e Sousa, que no distrito de Braga desempenhava o mesmo elevado cargo.

Dinâmico e espírito desempoiado, granjeou no espinhoso lugar que ora deixa, as simpatias de todos quantos, por razões profissionais e oficiais, e ainda particulares, contactaram com Sua Ex.ª.

A sua afabilidade e lhaneza no trato com aqueles que tinham de lhe submeter os seus problemas referentes ao trabalho, fazia com que sempre fossem resolvidos a contento, sem atritos ou más vontades.

Os seus julgamentos eram justos, sendo bem recebidos sempre, mesmo que desfavoráveis.

O sector patronal de Braga perde um amigo e os trabalhadores um estrénuo defensor dos seus legítimos direitos.

«Notícias de Guimarães» felicita o sr. dr. Valentim de Almeida e Sousa pela sua promoção e augura-lhe as melhores prosperidades.

AINDA AS FESTAS NICOLINAS

Remataram, como apressadamente informamos no nosso último número, com invulgar brilho, as tradicionais Festas Nicolinas, levadas a efeito mais uma vez pelos estudantes do Liceu de Guimarães, em cumprimento do velho estatuto.

O Cortejo das *Maçãs*, que atravessou as ruas da cidade a meio da tarde do penúltimo sábado e que teve a presença de muita gente, assistindo também no Largo do Toural ao seu desfile o Sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional, dr. Baltazar Rebelo de Sousa, que aqui se deslocou, nessa tarde, propositadamente e a convite do sr. Presidente da Câmara Municipal, assim como os srs. Governador Civil do Distrito, Presidentes das Câmaras Municipais de Guimarães, Braga e Fafe; Reitor do Liceu e professores do mesmo estabelecimento de Ensino, etc., foi um número distinto, de rara beleza, único no País, em que se incorporaram muitos estudantes vestidos com diferentes trajes, uns a cavalo, outros ocupando numerosos e bem apresentados carros, num conjunto lindo e digno dos melhores louvores.

Nas sacadas das casas, que estavam em grande número decoradas com capas negras e colgaduras, viam-se muitas senhoras que, depois, receberam as maçãs que os estudantes fidalgamente lhes foram ofertar.

Assim, como há trinta, há cinquenta, há sessenta anos, a festa realizou-se e dentro dos mesmos moldes de beleza de sempre.

Parabéns, pois, aos estudantes. — No mesmo dia e no templo de Nossa Senhora da Oliveira, foi rezada Missa no Altar de S. Nicolau, Patrono da Festa Nicolina, assistindo estudantes, professores e antigos nicolinos.

SAÍDA AO CAMINHO

Por Adriano Nunes de Almeida

Calma! Não é um assalto à mão armada, esta saída ao caminho. Encontramos o sr. «Zaz-Zaz», em o n.º de 30 de Novembro p. p. do «Notícias de Guimarães», «abrin-do caminho...» ao protestantismo. O sr. «Zaz-Zaz» (não deu por outro nome) fez uma chamada ao catolicismo vimezanense, e nós cá estamos!

Humildemente, o sr. «Zaz-Zaz» ocultou o seu nome verdadeiro, a verdade do seu nome (há muita verdade que se oculta...) e cobriu-se com o de «Zaz-Zaz» onomatopéia de quem vem com ares de ragnar, de alto a baixo, Guimarães e o Catolicismo. Não há mal que não venha por bem. Talvez a presença do protestantismo, com o sr. «Zaz-Zaz» e outros nossos irmãos dissidentes, contribua para mais nos estimularmos a nós mesmos e melhor darmos a conhecer os erros protestantes. Quanto a mim, prefiro não imitar a humildade do sr. «Zaz-Zaz». Como aborço o criptonimo ou nome oculto (nome que não é nome), esse irmão do anonimato, e como nunca escrevi uma linha sob outro nome que não seja o do bilhete de identidade, gosto de manter este velho hábito. Mas isto são, afinal, ninharias. O sr. «Zaz-Zaz», escolheu «Zaz-Zaz», e assina-se «Zaz-Zaz»: mal não faz.

Vamos, pois, ao que importa. Vejamos o que nos anuncia o sr. «Zaz-Zaz».

Que a Igreja de Viseu (certamente a da seita a que pertence o sr. Joaquim Lopes de Oliveira, a protestante portanto, — e não há confusões!) «promoveu (a este, — e suponho que «Zaz-Zaz» é diferente do sr. Joaquim Lopes de Oliveira); será?...» uma reunião especial de despedida». Acharmos inteiramente lógico: só mostra que o sr. Joaquim Lopes de Oliveira é um autêntico protestante, apegado a todos os seus erros. E não creio que prove mais nada. Coisas dessas estão na corriqueira ordem do dia, e fazem-nas, até berrantes, os melhores e os piores grupos sociais. Mas isto mesmo pouco interesse tem. De facto, nós não iremos julgar o sr. Joaquim Lopes de Oliveira pela «reunião especial» dos seus conseqüentários, mas pelo que ele disser e fizer, ou tiver dito e feito. E já disse (ele é claro), embora não saibamos bem se foi o sr. Joaquim Lopes de Oliveira ou o sr. «Zaz-Zaz». Ao menos aparentemente, foi o sr. «Zaz-Zaz».

Ora, segundo o articulista protestante, ou seja, segundo o sr. «Zaz-Zaz», vem o protestantismo a Guimarães para salvar Guimarães. Guimarães estava perdido. Tem estado e está perdido. Está em perigo de morrer, quase morta já, «tanta semente de espiritualidade que os antepassados lançaram na alma portuguesa». Está a morrer, e o sr. Joaquim Lopes de Oliveira, o sr. «Zaz-Zaz» (perdoem-me a duplicação se acaso se trata da mesma pessoa) vêm precisamente «a fim de que (sic) não morra». Vimezanenses, segundo diagnóstico do sr. «Zaz-Zaz», estais a morrer, estais moribundos! Ele vem-vos ressuscitar!... (Não é bem ressuscitar... é uma coisa parecida com isso... E agora é que vos ideis ficar de saúde, de um vigor espiritual, de um cristianismo puro!... Valem a pena estardes a morrer durante séculos, só com «formalismos externos», sem «Bíblia» nem «Evangelhos», a conspurcar-vos «de lascívia e licenciosidades ignominiosas», só à espera deste momento: a vinda do sr. Joaquim Lopes de Oliveira e do sr. «Zaz-Zaz».

Sabeis porquê?... Porque o sr. Joaquim Lopes de Oliveira e o sr. «Zaz-Zaz» trazem a Bíblia e os Evangelhos. Uma Bíblia e uns Evangelhos sem notas, sem orientação, sem esclarecimentos. Uma Bíblia mutilada, é claro, de certos passos que lhes não interessam, ou melhor que lhes interessa não incluir. Uma Bíblia de que o próprio protestante Helmon diz: «Não há homem dotado de bom senso que possa negar que a Bíblia nos apresenta verdades dogmáticas e mesmo morais com uma obscuridade especial». Agora um testemunho do historiador protestante Cobbet: «... Lutero e seus seguidores rejeitaram inteiramente a carta de S. Tiago Apóstolo, porque nela insta e recomenda as boas obras». Os nossos irmãos dissidentes vêm, pois, certamente, carregados com um montão de Bíblias daquelas, as Bíblias do livre-exame, que é como quem diz da desunião, da desagregação. E estão, naturalmente, ansiosos por espalhá-las. Dar-vol-as-ão até. Dão, porque lhes dão... Antes de as aceitardes, vede bem se elas cheiram a inglês ou americano!... Eu não sei... se depois da saudação que o sr. «Zaz-Zaz», à vossa moribunda cabeceira, vos fez..., não sei se, realmente, aceitardes essas Bíblias... Ou, conforme diz o sr. «Zaz-Zaz», reagirdes com «prociósões... como é velho costume...»? Porque o sr.

«Zaz-Zaz» (imortal, este senhor!), em Guimarães, só vê prociósões, indiferentismos, formalismos externos, casas sem Bíblia, mãos sem Evangelho, livros de Pitigrilli e Zolá (sic), lascívia e licenciosidades ignominiosas, espiritualidade dos antepassados moribunda... E' doente da vista para as outras cores, e um pouco daltónico mesmo nestas. Mas esta doença visual deve ser fingida. Deve ser truc apenas clínico. Porque o sr. Joaquim Lopes de Oliveira e o sr. «Zaz-Zaz» vão curar-nos a todos.

Com ares aparentemente muito pacíficos, mas muito categóricos e acusatórios, o sr. «Zaz-Zaz» entra em Guimarães de lança em riste, e todavia arreeneando da luta: «Longe de nós o espírito de luta fratricida e anti-cristã» (sic). No entanto, a sua posição não é doutrinar, mas sobretudo de acusação. E' um ataque. Ataque à cidade vimezanense, ataque mais aos católicos do que ao Catolicismo. E ataque menos justo e menos fundamentado na verdade: exageros, omissões, erros, muita unilateralidade, muito subjectivismo. Para não seja o do bilhete de identidade, gosto de manter este velho hábito. Mas isto são, afinal, ninharias. O sr. «Zaz-Zaz», escolheu «Zaz-Zaz», e assina-se «Zaz-Zaz»: mal não faz.

Vamos, pois, ao que importa. Vejamos o que nos anuncia o sr. «Zaz-Zaz».

Que a Igreja de Viseu (certamente a da seita a que pertence o sr. Joaquim Lopes de Oliveira, a protestante portanto, — e não há confusões!) «promoveu (a este, — e suponho que «Zaz-Zaz» é diferente do sr. Joaquim Lopes de Oliveira); será?...» uma reunião especial de despedida». Acharmos inteiramente lógico: só mostra que o sr. Joaquim Lopes de Oliveira é um autêntico protestante, apegado a todos os seus erros. E não creio que prove mais nada. Coisas dessas estão na corriqueira ordem do dia, e fazem-nas, até berrantes, os melhores e os piores grupos sociais. Mas isto mesmo pouco interesse tem. De facto, nós não iremos julgar o sr. Joaquim Lopes de Oliveira pela «reunião especial» dos seus conseqüentários, mas pelo que ele disser e fizer, ou tiver dito e feito. E já disse (ele é claro), embora não saibamos bem se foi o sr. Joaquim Lopes de Oliveira ou o sr. «Zaz-Zaz». Ao menos aparentemente, foi o sr. «Zaz-Zaz».

GAZETILHA

Noite do «Pinheiro»...

(Nótula retardada)

Outra vez, e como dantes, ao som das peles troantes, desceu o «mastro» à cidade: — e, calhando na feitira de ser em maré de feira, houve mais alacridade...

Dia de feira, e salário que, apesar de refractário, nas curteiras jorrou pingo: — mas, também, para os mensais sempre houve uns cobres a mais, por ser mês fínuo... ao domingo...

E, trazendo a bolsa quente, anda a plebe mais contente, e têm mais brilho as festanças: — embora a vida, em negaças, não esteja para graças, nem aso de a folganças...

Mas o povo, em vibração, comunga na tradição da briosa mocidade: — vendo os «velhos», radiosos, tornarem-se mais viçosos, em rajadas de saúde!...

Ah! felizes dos que ainda recordam a fase linda do seu tempo de «meninos»: — e que, ao troar de zabumbas, erguem da sombra das tumbas os distantes Nicolinos!...

... Que tudo corresse bem foram desejos de quem se deitou com as galinhas: — pois dos galos, ao cantar, recolheram a seu lar certas «asas»... já velhinhas!...

Ortigão.

Alfredo Guimarães

No artigo do nosso ilustre colaborador sr. Alberto Braga sobre Alfredo Guimarães, passou uma pequena gralha que convém corrigir. Na primeira página, linha 107 da primeira coluna, onde se lê: «o que a terra, a paisagem e as imagens lhe reclamavam, deve ler-se: o que a terra, a paisagem e as imagens lhe revelavam».

O Problema religioso de Guimarães

Por Zás-Zás.

Um número escandaloso

Como dizíamos no nosso primeiro artigo, é forçoso e urgente opôr à onda de materialismo que invade até os próprios santuários católicos e ao indiferentismo religioso que vem minando grande número de lares, outrora cristãos, uma intensa e profunda acção religiosa que avive nas almas, praza a Deus, sòmente adormecidas, uma vitalidade de puro cristianismo, expurgado dos meros formalismos externos, chagas vivas nas religiões moribundas.

Sendo a Religião uma virtude moral, compete-lhe tomar o comando da vida do homem.

Constituída de princípios morais, o homem religioso deve procurar a fôrma do seu viver nos princípios que professa e neles se enquadrar.

Se perguntarmos às estatísticas o número de católicos que há em Portugal, elas nos responderão que professam a Religião católica 95% dos portugueses.

Não achas, leitor, que este número é escandaloso... a ser verdadeiro? Na verdade: uma maioria tão esmagadora de católicos (95% dos portugueses!) tinha incontestável dever de patentear um ambiente moral e social bem diferente daquele que apresenta... Em pinçeladas negras e rápidas, o Diário católico de Braga «pintou» o quadro religioso, moral e social do ambiente deste «catolicíssimo Minho».

E os termos em que o fez, podem aloftamente subscrever-se, se os quisermos aplicar a esta «catolicíssima cidade de Guimarães».

Dizia o jornal: — «As Igrejas enchem-se!... — mas quantos ficam sem missa?... — A moralidade dos jovens casais é notória... a julgar pelas flores... — mas que corrupção, cancro e miséria moral vai por tantos lares... — Os salários... — tanta injustiça social... — O que aí vai de ânsia de gozo, de amor ao luxo e ao prazer, de assaltos à fama, à honra e à carreira alheia...»

Foi o actual Bispo do Porto quem, numa carta que o tornou célebre, anteviu a derrocada do catolicismo em Portugal, embora o seu contraditor, dr. Manuel Anselmo, procurasse tranquilizá-lo, apontando-lhe Fátima, a milagrosa.

Sem se pretender contestar o Milagre da Cova da Iria, não andaremos longe da verdade se dissermos, à puridade, que ele veio evidenciar o problema religioso da Nação, mas não o resolveu.

Nada é o sacrifício de milhares de esfomeadas gentes, gota de água num mundo católico despido de fé, quando, em dolorosa peregrinação de penitência, busca, nas alturas, alívio para os seus males. Sem pretender ultrapassar o velho Bandarra, ou o Novo, na atrevida concepção do ditado jurista-escritor, firmados, apenas, na lógica da lei natural do contágio e da corrupção, verificando quanto de extensão e profundidade existe no

Vida Rotária

Na reunião de 4.ª-feira do Rotary Clube de Guimarães foram tratados vários assuntos de interesse para o movimento.

Presidiu o sr. Antuônio Dias de Castro, que logo no começo da reunião se referiu ao falecimento do saudoso Vimezanense Alfredo Guimarães, fundador do Museu Regional Alberto Sampaio. Depois de feita a leitura do expediente pelo secretário sr. José Machado Teixeira, foram ventilados diversos assuntos, principalmente relativos ao Bodo de Natal e à Festa de Fim de Ano que o Rotary Clube de Braga leva a efeito naquela cidade. O presidente tratou em seguida da visita a Guimarães do Teatro Experimental do Porto, o que representa a satisfação de um desejo manifestado pelo clube junto daquele importante agrupamento artístico, pedindo o interesse de todos para que tal iniciativa seja coroada, como merece, do melhor êxito.

Ficou ainda assente que o maior número possível de elementos do clube se desloque ao Clube de Amarante no dia 13, a acompanhar o sr. José António Lage Salgado Baptista, que ali vai proferir mais uma palestra acerca do problema dos cegos.

No decorrer da reunião apresentaram «actualidades» os srs. dr. João Mota Prego de Faria, António Faria Martins, dr. Alvaro Marinho, Armindo Diniz Dias Coais e Albano Coelho de Lima. Procedeu-se à que habitual e o presidente, ao encerrar os trabalhos, declarou que a próxima reunião se ejectuará no dia 17.

materialismo vivido pelos católicos e no indiferentismo religioso que a maioria dos portugueses transuda, não é difícil chegar à conclusão do Bispo do Porto.

E tudo isto, porquê? Porque a Religião não penetra, a fundo, nas almas.

As Igrejas cheias... correspondem almas vazias de Deus.

D. Macário, personagem central do romance «Frontera de Dios» a que o articulista supra-mencionado se referiu, teve este desabafo, aparentemente trágico: — Nunca em minha vida compreendi Deus.

Mas quando O compreendeu, teve este pensamento salutar: Só o amor enche a vida dos homens... E na minha vida não há um só acto de amor...

Como há-de compreender Deus quem desconhece a Bíblia em que a Sua Palavra Santa e Criadora está escrita?

Ela ajuda a «compreender Deus». E o número escandaloso ainda O não compreendeu... porque a ignora.

Devassar esta ignorância é o nosso primeiro objectivo, pondo-lhe a Bíblia nas mãos.

Rememorando

Continuação da 1.ª página

legiada, onde Alfredo Guimarães instalou o Museu? Ruinaria!

Para tanto, ainda foi necessário conquistar o claustro, que era privado de um templo aberto ao culto.

Quantas, quantas dificuldades para semelhante cometimento! No claustro estavam umas sacristias; lojas com tralha sacra; sarcófagos de mortos; dependências arrendadas; atravancamentos de várias espécie.

O que tudo houve de ser removido, para que o Museu condignamente se instalasse ali, no seu ambiente próprio.

Não fosse o ânimo forte e viril de Alfredo Guimarães, e a bela iniciativa teria falhado. E sabe-se lá quando e como se teria provido de remédio a sensível falta desse museu de arte religiosa, que tanto se impunha em Guimarães!

Expresso aqui esta nota de feição íntima:

Alfredo Guimarães e eu éramos da mesma idade; nascemos no mesmo bairro; frequentamos a mesma escola; tínhamos a mesma origem humilde; fruímos, quase a par, as mesmas alegrias da juventude; vivemos os mesmos ansiosos da mocidade; fomos fraternalmente amigos.

Mas eis que um dia... Sòmente um sentimento ficou puro, em meu coração sonduoso e triste: — é a lembrança de um amigo da infância, que levaram a enterrar!

Devo à sua memória esta singela homenagem:

O Museu Regional de Alberto Sampaio é um padrão de glória para Guimarães. O seu fundador e primeiro director foi o nosso conterrâneo Alfredo Guimarães. Glória, pois, ao seu nome!

Irmadade de Nossa Senhora do Carmo da Penha

ASSEMBLEIA GERAL

São convidados os Irmãos eleitores a reunir na Casa do Despacho desta Irmadade, no segundo domingo de Dezembro (dia 14), pelas 10 horas, para a eleição da Mesa Administrativa para o ano de 1959.

Se não comparecer o número legal de Irmãos, ficará a eleição adiada para o domingo immediato (dia 21), no mesmo lugar e hora, nos termos do Art.º 2.º dos Estatutos.

Guimarães e Secretaria da Irmadade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, 27 de Novembro de 1958.

681 O Juiz da Irmadade.

Pndre João de Oliveira.

Prédio Vende-se Com frentes para a Rua Gravador Molarinho e para a Praça de S. Tiago. Rés-do-chão com loja, 1.º e 2.º andares e águas furtadas. Falar na carpintaria Pinto & Magalhães — Rua João de Melo — Guimarães.

O NATAL

MOCIDADE PORTUGUESA

DOS NOSSOS POBRES

Transporte	3.440\$00
Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira	20\$00
Dr. Manuel José F. Costa	20\$00
Dr. António Jesus Gonçalves	30\$00
Armindo Faria	50\$00
Dr. J. Catanas Diogo	20\$00
V. A.	50\$00
Manuel Machado	50\$00
José Pinto de Almeida	20\$00
A. F. M.	10\$00
Bráulio Carneiro	50\$00
Sebastião Mendes	20\$00
F. F.	20\$00
António José da Costa	20\$00
Ezequiel Sousa (Viseu)	20\$00
Artur Dias Bragança	20\$00
Manuel Artur Gonçalves Ferreira (Porto)	20\$00
Manuel Paulino Ferreira Leite	50\$00
Manuel C. Martins	20\$00
José Carvalho Melo	20\$00
P.º António Ramos	20\$00
António Pimenta Machado	40\$00
Manuel da Cunha Machado	20\$00
José da Silva Gonçalves	50\$00
Artur Martins da Silva, por alma de seu irmão P.º Joaquim	20\$00
Isac Ferreira Guimarães	50\$00
Dr. Augusto Luciano Guimarães, por alma de sua mãe e filha Maria Bernardina	50\$00
Manuel José Costa Guimarães (Aveiro)	20\$00
P.º Gaspar Nunes	10\$00
David Cepa	10\$00
Eduardo Leite Faria (Taipas)	50\$00
Benjamim Matos & C., L.d.	20\$00
José Laranjeiro dos Reis	20\$00
Dr. Fernando L. Matos Chaves	20\$00
Dr. Júlio Soares Leite	20\$00
José Ribeiro Salgado Freitas	20\$00
Luís Mendes Lopes Cardoso	20\$00
Dr. Aventino Faria	50\$00
António M. Ribeiro da Cunha	20\$00
Francisco de Assis R. da Cunha	20\$00
A Transportar	4.530\$00

Prosseguiremos no próximo número a publicação de outros donativos já recebidos.

Rainha D. Leonor

Continuação da 1.ª página

des naturais; o aproveitamento e devigamento no agregado familiar; a preferência pelas actividades preventivas, recuperadoras ou de melhoria das condições de vida; o desenvolvimento do serviço social, indispensável a uma acção educativa (necessária para ajudar a fixar, nas famílias, os benefícios da assistência) e ao contacto directo com o assistido e o seu meio.»

Como se verifica, o Congresso das Misericórdias tornou-se portador das mais optimistas expectativas quanto ao futuro destas Instituições, motivo suficiente para justificar a feliz iniciativa da sua realização, como feliz foi também a iniciativa de ser condignamente comemorado o quinto Centenário do nascimento da egrégia Rainha D. Leonor, recordando-se através das mesmas, com fervorosa devoção, a Sua memória nos variados aspectos da sua inconfundível personalidade.

Com essas comemorações, que ainda continuam e nas quais se encontram associados os nossos Irmãos da terra de Santa Cruz e que têm o valioso e patriótico concurso da Fundação Calouste Gulbenkian, concorrendo para a efectivação de alguns restauros ligados às actividades da Rainha e promovendo uma elucidativa Exposição no mesmo sentido, foi possível traduzir no presente o passado glorioso de quem com tanta nobreza de sentimentos e com tanta dignidade de Mulher portuguesa immortalizou o Seu nome nas páginas da História e no ideal da Pátria.

Oxalá, pois, que desta consagração resulte um futuro radioso para a vida e para a tradição das Misericórdias e que o Estado, além do que já tem feito, seja o primeiro a contribuir para que a lição destas Comemorações e as conclusões do Congresso se transformem em consoladora e efectiva realidade, dando-se assim plena satisfação e integral cumprimento às intenções da Rainha D. Leonor quando, em 15 de Agosto de 1498, fundou a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a mais antiga.

Explicações Inglês — 2.º e 3.º ciclos; Matemática — 1.º, 2.º e 3.º ciclos. Informa: R. S. Damos, 51. 686

Com a assistência das autoridades civis, militares e eclesiásticas, tiveram acentuado cunho patriótico as cerimónias comemorativas do Dia da Mocidade Portuguesa.

Os Filiados dos diferentes Centros da Ala, com suas bandeiras e guioes, concentraram-se no Liceu, e prestada a continência à Bandeira Nacional então hasteada, o Comandante de Castelo Faria Bastos fez uma alocação aos Filiados, exaltando o significado da revolução Nacional de 1640.

Seguidamente foram descerradas no Gabinete da Subdelegação Regional as fotografias dos Patronos Nacionais — Santo Condestável e Infante D. Henrique — e a de Martins Sarmento, Patrono da Ala.

Então o Subdelegado Regional Adjunto, Dr. José Catanas Diogo, pronunciou uma brilhante e patriótica alocação, onde prestou homenagem do seu melhor respeito e profunda admiração a Sua Excelência o Senhor Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, pelo muito que vem fazendo em favor da melhor formação da nossa Juventude, tornando-a cada vez mais apta para continuar Portugal. Referiu-se depois as altas qualidades dos patronos em tão boa hora escolhidos para guia e modelo dos homens de amanhã, traçando em breves palavras o perfil biográfico de cada um deles e lembrando aos Dirigentes o dever de incutirem no espírito dos Filiados o saber insigne e as virtudes heróicas e patrióticas do exemplo da das suas vidas, sob pena de atraírem a sua nobre missão de educadores. A terminar, disse: — «Em dia tão solene, como o de hoje, ergamos ao céu as nossas preces para que Nun'Alvares, já de há muito santificado pelo coração do bom povo português, ocupando por direito próprio um lugar de relevo no Altar da Pátria, em breve seja canonizado pela Santa Igreja, para honra e glória de Portugal.»

A's 11 horas, na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, primeira Padroeira de Portugal, o rev. Padre Avelino Pinheiro Borda, Assistente Religioso da Ala, celebrou missa e proferiu uma alocação alusiva. Colaborou o Grupo Coral das Oficinas de S. José, de Guimarães, sob a direcção do rev. Padre Miguel, após o que os Filiados, em marcha impecável, desfilaram pelas ruas da cidade ao som do Hino da Restauração tocado pela Banda de música das referidas Oficinas de S. José.

A Subdelegada da M. P. F. mandou celebrar, no passado dia 29, uma missa em sufrágio do Professor Doutor Carneiro Pacheco — fundador da Organização.

A Subdelegada convida todas as Ex.ªs Directoras de Centro, Filiadas e respectivas Famílias a assistir à missa que, em comemoração da Semana da Mãe, vai ser celebrada na Igreja da Senhora da Oliveira, hoje, dia 14, pelas 10 horas.

DUAS DATAS

Completa-se hoje, 14, mais um ano sobre o desaparecimento do prestimoso Vimezanense António José Pereira de Lima, que no desempenho de altos cargos muito se esforçou para prestigiar esta Terra.

No dia 17, completa-se o primeiro ano sobre a morte do erudito Padre Domingos José da Costa Araújo, que foi nosso dedicado e ilustre Colaborador.

Recordando saudosamente os Dois Amigos, debruçamo-nos respeitosamente ante a sua memória, prestando-lhe a nossa sentida homenagem.

Conclusão de Formatura

Concluiu a sua formatura em ciências económicas, tendo obtido uma excelente classificação, o sr. dr. Fernando Antão de Oliveira Ramos, filho do digno guarda-livros da «Fábrica de Malhas de Vaz da Costa», de Santa Luzia, sr. Fernando da Costa Gouveia Ramos e de sua esposa sr.ª D. Ernestina Ribeiro Oliveira Ramos. As nossas felicitações.

Declaração

O abaixo assinado, José Laranjeiro dos Reis, residente nesta cidade, declara, para os devidos efeitos, que se não responsabilisa por dívidas que quem quer que seja contraia em seu nome e sem sua prévia autorização, o que torna público por este meio.

Guimarães, 10 de Dezembro de 1958.

(a) José Laranjeiro dos Reis,

TELEVISÃO PHILIPS

CONSULTE:

A. GOUVEIA

Apoiada pela Estação Regional Philips Rádio e TV da firma A. GOUVEIA

SERVIÇO PERMANENTE DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Rua Paio Galvão e Av. Conde de Margaride — GUIMARÃES

Facilidades de pagamento a partir de 160\$00 mensais

Largo Coronel Baptista Coelho — SANTO TIRSO

EM PORTUGAL o problema tiflológico e os Rotary Clubs

Nos artigos que há um ano e tal aqui venho publicando, nas palestras que tenho proferido em algumas reuniões dos Rotary Clubs, na conversação que mantenho com amigos meus, nunca me cansei de destacar quão nefastos são para os cegos os preconceitos que sobre eles formam aqueles que possuem o dom da vista.

São estes preconceitos, quanto a mim, a causa e a base do nosso atraso (do atraso do nosso País) em tudo que diz respeito a assistência tiflológica. Por assistência tiflológica deve entender-se a divulgação e aplicação de medidas profiláticas contra a cegueira, a cura dos cegos para quem a medicina em geral e a oftalmologia em particular tenham remédio e a recuperação dos outros, no seu aspecto humano e social, pela educação e pela assistência bem informadas.

Lamentando embora a ignorância, a descrença e a falta de recursos que podemos responsabilizar por muitos casos de cegueira, dedicarei maior espaço ao caso dos cegos reconhecidos como tal, por ser o problema em que mais valerão as minhas opiniões.

Como se poderá recuperar os cegos pela educação, dar-lhes trabalho no mundo intelectual, empregá-los nas fábricas e nas oficinas, se sobre eles há tantos preconceitos que impedem esses legítimos ideais? Como criar medidas de emergência para os cegos que já não estão aptos a receber uma educação eficiente, se os mesmos preconceitos embaraçam tais objectivos?

Nos meus trabalhos de carácter tiflológico, como fazem todos os que lutam pela emancipação dos cegos portugueses, tenho-me esforçado por eliminar esses preconceitos, explicando a sem-razão de quem anda amarrado a eles. Acredito que alguma coisa haja conseguido neste particular, mas o vidente — e digo vidente encarando o termo médio — continua a ver no cego um ser que não pertence ao seu mundo ou, quando muito, um indivíduo que o toca remotamente. Para isso contribui largamente o preconceito da inutilidade do cego, da psicologia específica dos não videntes, da sua vida na escuridão.

De vez em quando lá aparece um vidente chamado à razão, como que por um impulso da realidade, a aceitar um cego mais hábil como sendo um fenómeno, a elogiar os seus actos — que muitas vezes não passam de correntezas na vida quotidiana — mas logo a seguir o esquece, esquecendo mesmo o seu próprio assombro.

Como não compreender que a cegueira só afecta um sentido e de forma alguma desfalca a personalidade do seu portador, seja qual for o particular em que a vejamos? Como não compreender que a cegueira é quase sempre devida a anomalias restritas ao aparelho visual e em nada influencia a idiosincrasia de suas vítimas, tão rica, tão pobre, tão original ou tão rotinária como a de qualquer outro ser humano? Como lamentar o cego por isto tudo e mais por sua vida de escuridão, se também ela não existe? Se admitirmos escuridão de espírito, nem mesmo assim é lícito lastimar o cego não educado, porque ele vive dentro do seu mundo (que é suficiente para satisfazer-lhe as necessidades) como qualquer vidente vive dentro do seu próprio mundo. Vejamos se é infeliz e pode ser lastimado do mesmo modo um vidente que teve a grande desgraça de não aprender a ler.

Se entendermos escuridão como treva, então há um profundo engano, causa do total desconhecimento sobre o condicionalismo moral e social em que decorre a vida do cego. Contrariamente ao que em geral se pensa, os cegos possuem quase todos um pequeno coeficiente visual, que em última análise lhes serve para distinguir a noite do dia. Quanto aos cegos totais, aqueles que não

conservam o mínimo grau de visão (que também os há), esses não têm nem sequer a sensação do escuro.

Têm sido estas circunstâncias, repito, um grande obstáculo para a resolução do problema tiflológico, compreendida num plano total e nacional. Se aqui nos aparece um cego com posição definida, graças a circunstâncias muito favoráveis ou a actos de heroísmo, se acolá nos surge um outro lutando tenazmente para atingir a mesma craveira, por toda a parte divisamos cegos na rua, a pedir esmola de forma mais ou menos disfarçada, reflectindo os erros duma sociedade que ainda não foi capaz de resolver os seus próprios problemas.

Foram estes pontos, entre outros, que eu abordei nas minhas palestras do Rotary Clube, confiado no humanismo, na comunicabilidade, na abnegação e no desejo de servir que distinguem os elementos rotários. Não o fiz sem proveito, porque já alguns benefícios foram prestados aos cegos e outros estão em via de se lhes fazer.

Aliás, já antes de mim, o Dr. Henrique Moutinho, distinto oftalmologista e actual presidente do Rotary Clube de Lisboa, abordara o problema dos cegos numa das suas reuniões e lançou um apelo a quem fosse capaz de compreender tão agudas necessidades e, dentro das suas possibilidades materiais, estivesse à altura de atenuá-las convenientemente.

Humano e eloquente apelo esse, na verdade, mas quem o poderia ouvir e corresponder-lhe?

Só quem fosse rotário ou conhecesse muito bem a sinceridade dos princípios que informam Rotary é que podia conceber a ideia de lançar assim esperanças e abertamente um apelo numa reunião daquelas.

Não estava presente à reunião, mas era rotário, tinha dentro de seu coração o lema de Rotary e possuía suficientes bens materiais — o Sr. Martin Sain, romeno de nascimento e grande amigo do nosso País, trazido a Portugal pela resaca da última guerra. Posto a par de tão agudas necessidades, algumas das quais já pressentira pelas ruas de Lisboa, lançou mão à sua generosidade e deu a avultada soma de 500.000 dólares para extingui-las.

Não se enganou o Dr. Henrique Moutinho quanto à oportunidade e ao lugar em que apelava a bem dos cegos. O desejo de servir, vivamente traçado nas linhas de Rotary — tantas vezes mal reconhecido entre nós, sob a indiferença tolerante dos rotários que sabem o que querem e seguem adiante — mais uma vez se punha à prova.

Três anos levaram os estudos sobre a forma como devia aplicar-se esta importância, de maneira que cobrisse realmente as necessidades de quase 12.000 indivíduos. Nas informações que os jornais trouxeram a público, diz-se apenas que se conhecerá brevemente o regimento da Fundação Sain, a que o *Diário do Governo* dará vida legal; mas, pelo que posso depreender dessas notícias e de inúmeras conversas com pessoas interessadas na resolução do problema tiflológico português, a Fundação Sain será, pelo menos, trampolim para esse objectivo.

Além duma oficina para cegos, que se prepara desde logo, não se esquecerão jardins-escolas, escolas primárias, escolas de ensino técnico e profissional, tratamento dos cegos curáveis, contínua informação junto do público, chamamento do Estado à colaboração. Mesmo sem conhecer o regimento da Fundação Sain, longe de entusiasmos prejudiciais, não creio que se perderão inglôriamente o esforço e a generosidade deste benfeitor, como já em tempos se perdeu um plano oficial de assistência aos cegos.

Para se realizar uma obra da projecção que esta deve ter, é precisa a colaboração do Estado. E de su-

E C O S

Se nos debruçamos a perscrutar a história de certos meios populacionais importantes, verificamos que nuns desenvolve-se e medra a iniciativa individual e noutros gera e prolifera a inércia e o marasmo. Se nos primeiros, em consequência dessa iniciativa, há melhor alforria de bem estar, nos segundos brota da inércia e do marasmo uma permanente insatisfação que origina tanto um estado de espírito ambiciosamente doentio, como uma inveja mesquinha.

Não conhecendo o espírito dos segundos outros meios mais dignos e honestos para defesa das suas aspirações justas ou lunáticas, e ainda por falta dum correcto proceder, vá de intrigar, vá de tropeçar ou pretender obstar, o que os outros legitimamente aspiram possuir ou procuram realizar.

Guimarães tem hoje, dentro dos limites do seu concelho, mais de 100.000 habitantes, dos quais, além de metade, vive da indústria que possui, criada e desenvolvida por gerações de artífices que ao seu progresso votaram o melhor do seu esforço, e não obstante serem dotados dessa meritória e por vezes heróica iniciativa individual, esse progresso e desenvolvimento não foi alcançado senão através de dissabores esgotantes, de persistências homéricas, de arrojados e ousadas verdadeiramente aventureiras, durante o largo período dos últimos cem anos.

O jogar tudo por tudo, é de ontem e de hoje. Dum antigo grande industrial já falecido, são estas palavras de desabafo e temor a um amigo, quando há dezenas de anos acabava de construir a sua fábrica: — *Nada mais me resta para hipotecar; tudo o que tenho é responsável pela fábrica que montei.*

Quantas empresas fabris tiveram sucessivos donos por falência das anteriores gerências, até que vingaram e prosperaram! Quantos períodos de crise, de desemprego, de encerramento de fábricas, se passaram e foram vencidos! Quantas fortunas se ganharam e quantas se perderam!

Neste mundo nem sempre risinho do comércio e da indústria, há, no entanto, hoje uma realidade indutível: são umas dezenas de milhares de pessoas que trabalham e vivem da indústria e dela auferem os meios, tantas vezes escassos, para suprirem o custo da sua alimentação, vestuário e alojamento, e deste número há presentemente muitas sem trabalho e muitíssimas que não chegam a completar uma semana inteira de salário. Porque, a par do luzir ostensivamente insensato duma pequena minoria abastada, existe muita miséria e muita pobreza que se não vê de longe, que não faz publicidade e que vive quase envergonhada no seu triste destino.

pôr que não tenha sido esquecida esta necessidade, pois o Ministério da Saúde e Assistência estuda um vasto plano de financiamento, que merece boa atenção ao Sr. Dr. Martins de Carvalho.

Porém, seja como for, únicos beneficiários de tão nobre gesto, os cegos portugueses não-de lembrar sempre o nome de Martin Sain. Quando tiverem uma vida mais fácil, não esquecerão que ela nasceu numa reunião rotária, a apelo dum rotário, ouvido por outro rotário. E, derrubadas as barreiras de incompreensão com que até agora têm lutado — incompreensão recebida em toda a parte, de pessoas pouco instruídas e de homens cultos, de indivíduos com responsabilidade ou sem ela — saberão agradecer a seus benfeitores da única forma que lhes é possível e da única maneira que eles querem que se lhes agradeça: varrerão o seu complexo de inferioridade, lançar-se-ão ao estudo e ao trabalho, servirão, incorporar-se-ão na comunidade...

José António Lage Salgado Baptista.

Dentro do concelho vimaranense há três importantes centros de indústria e população, são eles: a vila de Vizela, a vila das Taipas e o Pevidém; outros como Covas, S. Torcato, Campelos e freguesias industriais de muito valor, que transformam este importante concelho num distrito económico de grande vulto.

O seu crescimento demográfico é dos maiores do País e concorre para um aumento populacional que causa alarme, dando origem a problemas difíceis para os quais é preciso conseguir soluções cabais. Para além das necessidades locais que é necessário satisfazer, tanto nos centros fabris como nos rurais, ou sejam, caminhos, água, luz, escolas e habitações, há a situação daqueles a quem a crise lançou no desemprego, e da mocidade surgida desse desmedido aumento da população, que espera empregar-se sem saber onde, verdadeiros casos sociais que têm de ser resolvidos com proficiência, dada a sua extrema gravidade.

Só a criação de novas indústrias entre nós pode absorver a mão de obra disponível e dar pleno emprego a toda essa gente que anseia trabalhar e, ao mesmo tempo, lutar contra as manobras de sapa que por todos os meios tentam impedir a instalação de novos estabelecimentos fabris que se aguardam, por terem escolhido um meio como este, aonde gerações de operários fabris criaram excelentes e experimentados trabalhadores.

E, pois, dever de todos os vimaranenses estarem atentos na defesa dos seus interesses vitais, tanto presentes, como futuros.

Alerta, pois!

Tem-se desenvolvido imenso a construção de bairros para as classes pobres nos subúrbios da cidade, concorrendo assim para diminuir a falta de casas que tanto se fazia sentir no meio desta classe.

O emprego de capital é grandemente compensador, mas achamos oportuno que se verifique devidamente se essas casas têm os requisitos suficientes para serem habitadas, de maneira que a saúde dos locatários esteja garantida e defendida.

Verdadeiros sepulcros de vivos existem para aí, alguns recentemente construídos, em condições tais de insalubridade que só a sua demolição supre as suas inacreditáveis deficiências.

Se vivermos numa casa má, mal cheirosa, com instalações sanitárias péssimas, com divisões sem capacidade de habitação, deficientes na ampla circulação do ar e a penetração da luz, sem egotos devidamente saneados, pode a alimentação ser boa, que a doença é, nestes prédios, um hóspede permanente.

Combater a má casa é contribuir para a melhoria da saúde pública, e atacar os seus focos disseminadores é a melhor luta contra a doença.

Mas, deixá-las construir, isso é que não.

Patriótica e humanitária tem sido a campanha levada a cabo no distrito do Porto, pela Liga de Profilaxia Social, contra o pé descalço.

Porque o uso e abuso do pé descalço é degradante para um país europeu e um atentado contra a saúde pública.

Não esquecermos, ao espanto duma turista francesa pelo pé descalço, nem a sua surpresa ao ver mulheres do povo carregarem à cabeça.

Entre nós também se proibiu o pé descalço mas, como sempre acontece, a vigilância atenta dos primeiros dias esmorece e, em breve, o uso de novo surge, para desprestígio das autoridades repressoras.

A classe pobre não recebe de bom grado essa proibição, porque, infelizmente, as suas posses são diminutas para atingirem o alto preço que um par de sapatos alcançou.

Juntamente com a campanha contra o pé descalço, outra e muito útil se deveria fazer contra o preço exagerado do calçado.

Nada justifica, para o nosso nível de vida, que um par de sapatos custe, entre nós, cerca do mesmo

que na milionária América. Um par de botas mandadas aqui fazer, segundo um modelo americano inserto num catálogo duma casa exportadora do mesmo país, custou 300\$00, quando o preço do catálogo era de 12 dólares (343\$20). É nesta quase igualdade de preços que reside o absurdo. A pessoa que mandou fazer esse calçado, ganhava quinze vezes menos que um trabalhador da mesma profissão no país dos dólares!

Por aqui se vê o seguinte: ou o

preço do calçado nacional é exageradamente alto, ou os salários e ordenados são excessivamente baixos.

E nisto reside a solução do pé descalço. Ou calçado mais barato ou ganhos suficientes.

Enquanto não for ajustado este antagonismo, o pé descalço continuará a degradar-nos aos olhos dos europeus e a saúde pública prejudicada pelas consequências do seu uso.

A. A. L. C., Adogmor, Alutero, Amarilis, An-Bar, Apache, Azevedo, Benfiquista, Cicrano, Constantino, D. Sanhuo, Diadema, Dino Avlis, Diro Nino, Ediffer, Fulana, João Ninguém, Joba, Jodogas, Libamar, Lusbel, Mário Pedroso, Mary Oldifer, Sr. Regedor, Tirone Pobre, Vitor Hugo e Zéluiz, totalistas.

Argaci, Eltino, Elvânio, Jónio, Lúcio, Nanquim, Sarcol e Zé Chamusca, todos com 13; Chiquinho com 12; Bartolo, Ferfer e Mercúrio, com 10; Calberto, Caldas, Maria da Cidade e Madi, com 9; Maria Serrana, com 8; Zero, com 6; Marília e Mitê, com 5; Coração de Leão, Ferrarolu, La Minuta, Marisé, Marouvez e Zé Rico, com 4; Roubi Marilen, To Max e Vilar, com 3; Aileida, Triosés e Katarina Bella, com 2; Doremi, Ivanhoe, Mingochas e Tony Mar, com 1.

"NOTÍCIAS" DO ENIGMISTA

ÓRGÃO DO "NÚCLEO ENIGMISTA VIMARANENSE"

ORIENTAÇÃO DE ODANAIR E MERU-LATINO		DICIONÁRIOS "SINÓNIMOS" DA T. E. JAIME SEQUIER A. MORENO E. PINHEIRO F. TORINHA
ANO I	CORRESPONDÊNCIA A LAURENTINO RIBEIRO TEIXEIRA — R. Conde de Arnoso, 3 — Guimarães	N.º 34

DECIFRAÇÕES

- Problema n.º 14 — Liberdade, rifar, arame, adore, tomar, pai, b, a, ala, ar, forra, as, mi, o, mo, ca, alice, re, ala, i, h, ter, sarar, atoar, agata, tenia, amassaras.
- Problema n.º 15 — Agono, ervas, rica, a, eive, ma, era, ve, a, salário, f, pa, perro, lo, obrei, untar, ia, atuai, ir, o, prasios, o, ui, sas, oc, ovas, r, ecos, sares, cioso.
- Problema n.º 16 — Amora, ideal, lo, ibero, re, era, ira, lei, ta, morro, ar, a, ma, o, rb, a, laca, anel, p, ri, a, ai, p, aa, orlar, po, uva, ais, boi, te, reata, ma, aspar, oírar.
- Problema n.º 17 — Raiar, amora, ora, i, m, sol, so, cacos, ia, t, a, mar, v, p, obra, s, mimo, piratas, alão, r, sala, m, o, mio, r, t, ar, piora, da, ria, m, ç, por, arido, adora.
- Problema n.º 18 — Magala, r, a, amarela, o, r, ramo, ar, s, i, isolada, a, a, as, azar, lar, amuo, de, re, simples, ir, ia, tais, areira, ac, alisal, la.
- Problema n.º 19 — José, Maria, T, Silva, iro, am, m, aia, ar, lar, ata, t, t, ar, ole, orla, tara, oleo, cama, cre, ca, a, a, lio, cal, na, doa, a, le, tal, braga, a, alado, raio.
- Problema n.º 20 — Estacionada, n, ruges, cal, pagaras, apa, aga, e, a, nem, canelar, tri, trilara, ata, orca, ab, das, saar, ca, or, ac, reparado, ta, amareleceis.
- Problema n.º 21 — Lavra, acata, ar, es, va, os, varas, obras, ar, tirar, re, r, tam, ias, m, se, es, c, mal, som, c, as, limar, ca, lamas, famas, ai, po, ar, la, ramos, ralar.
- Problema n.º 22 — Descasara, e, atacam, q, ar, rabela, u, pu, abater, i, am, carear, p, ro, olaria, amaral, r, retesa, arai, alojar, la, rasara, atas, amaras.
- Problema n.º 23 — Desapontada, ac, reis, afã, sonoras, ca, s, nena, a, da, ecoas, l, mor, h, s, e, e, a, mi, manei, ad, en, trair, a, ta, acitaras, ar, moroso, la.

DECIFRADORES

(Desde o problema n.º 8 até ao n.º 23)

A. L. C., Adogmor, Alutero, Amarilis, An-Bar, Apache, Azevedo, Benfiquista, Cicrano, Constantino, D. Sanhuo, Diadema, Dino Avlis, Diro Nino, Ediffer, Fulana, João Ninguém, Joba, Jodogas, Libamar, Lusbel, Mário Pedroso, Mary Oldifer, Sr. Regedor, Tirone Pobre, Vitor Hugo e Zéluiz, totalistas.

Argaci, Eltino, Elvânio, Jónio, Lúcio, Nanquim, Sarcol e Zé Chamusca, todos com 13; Chiquinho com 12; Bartolo, Ferfer e Mercúrio, com 10; Calberto, Caldas, Maria da Cidade e Madi, com 9; Maria Serrana, com 8; Zero, com 6; Marília e Mitê, com 5; Coração de Leão, Ferrarolu, La Minuta, Marisé, Marouvez e Zé Rico, com 4; Roubi Marilen, To Max e Vilar, com 3; Aileida, Triosés e Katarina Bella, com 2; Doremi, Ivanhoe, Mingochas e Tony Mar, com 1.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 34

Katarina Bella dedica a Coração de Leão.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

Horizontais: 1 — Satisfeito; aniversário. 2 — Agora; sorri. 3 — Cantadora. 4 — Patroa; interj. de dor (pl.); grande. 5 — Entrega. 6 — Sentinela; descaramento. 7 — Andava; o lado do vento. 8 — Perceber; eco; pessoa. 9 — Aflição; roda. 10 — Macho; catredal. 11 — Ambinhas; cofres.

Verticais: 1 — Oferenda; ares. 2 — O ser humano; único. 3 — Assento. 4 — Viagem; lado; grita. 5 — Despedido; porco. 6 — Proveitoso; remoinha. 7 — Convites; malvada. 8 — Pref. de ar; espírito; abundância. 9 — Preguiça. 10 — Vento; sadia. 11 — Uniforme; officios.

KATARINA BELLA — Guimarães.

que na milionária América. Um par de botas mandadas aqui fazer, segundo um modelo americano inserto num catálogo duma casa exportadora do mesmo país, custou 300\$00, quando o preço do catálogo era de 12 dólares (343\$20). É nesta quase igualdade de preços que reside o absurdo. A pessoa que mandou fazer esse calçado, ganhava quinze vezes menos que um trabalhador da mesma profissão no país dos dólares!

Por aqui se vê o seguinte: ou o

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Dr. José Maria P. de Castro Ferreira — Passa no próximo sábado, dia 20, o aniversário natalício do nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, ilustre Presidente da Câmara Municipal, a quem «Notícias de Guimarães» apresenta respetivos cumprimentos de felicitações, com votos de muitas prosperidades.

Fazem anos:

No dia 17, o nosso prezado amigo sr. dr. João Afonso de Almeida; no dia 18, o nosso prezado amigo sr. Alfredo Lopes Correia, do Pevidém; no dia 19, mademoiselle Maria da Graça, filha do nosso prezado amigo sr. António José da Costa; no dia 20, a sr.ª D. Maria Eugénia Guimarães Coimbra Pimenta Machado, esposa do nosso prezado amigo sr. António Alberto Pimenta Machado; no dia 21, o nosso prezado amigo sr. Alcino Emílio de Carvalho Machado; no dia 22, a sr.ª D. Maria Alexandrina Alves Pinto e a menina Laura Margarida, filha do nosso bom amigo sr. José de Freitas.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

De visita

Acompanhado de sua esposa esteve nesta cidade e deu-nos o grato prazer da sua visita, o nosso distinto Colaborador sr. Mário Dias Ramos, do Porto.

Doutor António Paúl

De Lisboa, onde esteve a tomar parte no Congresso das Misericórdias, regressou há dias ao Porto, e esteve ontem de passagem nesta cidade, o nosso querido amigo sr. Doutor António Paúl.

Casamentos

No passado dia 8 do corrente e na Capela da Casa da Renda, residência dos pais do noivo, na freguesia de Lordelo, Guimarães, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Vitória Brandão e Vale, filha da sr.ª D. Maria Amália Pereira Brandão Rodrigues Vale, viúva do saudoso e grande poeta do Alto Minho João Verde, pseudónimo literário de José Rodrigues Vale, e o sr. João Nuno Maria Cerqueira Machado Pinto de Almeida, filho da sr.ª D. Graziela Guimarães Cerqueira Machado Pinto de Almeida do nosso prezado amigo sr. José Maria Pinto de Almeida.

Em representação do sr. D. Abade de Singeverga, ausente em Angola, rezou a missa o rev. Frei Samuel Dias, daquela Abadia beneditina, e o acto do casamento foi celebrado pelo rev. sr. Dr. Aurélio Fernando Martins Pereira, capelão da Fundação Narciso Ferreira, de Riba d'Ave, íntimo amigo da família, com a assistência do Pároco da Freguesia, sr. P.º Manuel Martins.

Ao harmónio e acompanhado por um grupo coral esteve o sr. P.º José Monteiro, pároco de S. Miguel de Vizela.

Findas as cerimónias, que se realizaram com certa intimidade familiar, partiram os noivos, família e convidados, para S. Mamede de Infesta, onde em casa da família da noiva, foi servido um abundante e primoroso copo de água, findo o qual os noivos seguiram em viagem de núpcias.

Apresentamos os nossos cumprimentos, desejando ao novo casal as maiores venturas.

— Realizou-se no passado dia 8, na Igreja de N.ª S.ª da Oliveira, o casamento do sr. Rodrigo José Pinheiro, filho do sr. António José Pinheiro Júnior, Regedor da freguesia de S. Paio, desta cidade, e de D. Lodovina Ferreira Pinheiro, com a sr.ª D. Maria Casimira Esteves de Macedo, filha do sr. Luís Augusto Teles de Macedo, massagista do Vitória Sport Clube, e da sr.ª D. Maria da Conceição Esteves de Macedo.

Parainfirmaram os tios da noiva, sr. Eurico Teles de Macedo, Inspector de Finanças, e sua esposa a sr.ª D. Rosa Ferreira de Macedo, residentes na Vila da Maia.

Foi celebrante o rev. Arcipreste P.º António de Araújo Costa, seguindo-se o almoço no Restaurante Jordão.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Nascimentos
No Porto e em casa de seus pais, sr.ª D. Genialda Cunha Eugénia Paul e sr. Dr. António José Lopes Paul, nasceu no dia 19 de Novembro uma menina, que já foi baptizada e ficou a chamar-se Paula Maria.

Os nossos parabéns ao estimado casal e votos de felicidades para sua filhinha.

— Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso bom amigo sr. Alvaro de Jesus da Silva Martins.

Mãe e filho estão bem. Parabéns.

— Teve também o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso bom amigo sr. Fernando Alves Machado.

Mãe e filho estão bem. Parabéns.

— Em quarto particular do Hospital da Misericórdia teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso bom amigo sr. eng.º Pedro Lobato.

Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Baptizado

Em Lisboa, na Igreja Paroquial de Santa Isabel, o rev. reitor baptizou há dias, com o nome de Alvaro, um filho da sr.ª D. Tereza Maria Pacheco de Miranda Santos de Paiva Brandão e do sr. Dr. Alvaro de Paiva Castelbranco Leite Brandão, tendo sido madrinha a avó materna, sr.ª D. Maria Helena Pacheco de Miranda Santos e padrinho o avô paterno, sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão.

Partidas e chegadas

Regressou de Lisboa, com sua esposa, o nosso prezado amigo sr. José Fernandes.

— Esteve há dias nesta cidade o nosso querido amigo e distinto Professor, Pintor Abel Cardoso, que continua na Praia d'Aguda e a quem tivemos o prazer de cumprimentar.

— Esteve também nesta cidade e deu-nos o prazer de sua visita, o nosso prezado amigo sr. Jaime Simões, residente em Santa Marta de Penaguião.

— Com suas esposas estiveram nesta cidade os nossos prezados amigos srs. Eng. Fernando A. Flores de Matos Cnaves, residente em Lisboa; Dr. António Mota Rebelo da Cruz, residente no Porto; Francisco Alvaro Martins de Campos Guise, residente na Figueira da Foz; Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães, residente no Porto.

— Também estiveram nesta cidade os nossos prezados amigos srs. Júlio Augusto de Magalhães Vasconcelos, Gerente do Banco N. Ultramarino em Felgueiras; Dr. José Maria de Moura Machado, residente no Porto, e J. A. Machado, comerciante em Fafe.

— Com sua esposa regressou de Lisboa o nosso querido amigo sr. Dr. Mariano Felgueiras, distinto Advogado.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado amigo sr. António Varela Macedo, de Infantas.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado amigo sr. António Duarte, do Porto.

Doentes

Encontram-se em vias de convalescência as esposas dos nossos prezados amigos srs. Delím de Guimarães, Prof. Mário de Sousa Menezes e Bráulio Teixeira Carneiro.

— Também vão melhor de seus incómodos os nossos bons amigos srs. Tenente Alvaro Martins de Campos e Eduardo Lemos Mota.

— A fim de tratar da sua saúde, recolheu à Casa de Saúde da Boavista, do Porto, o nosso amigo sr. Tomás Fernandes, industrial em Creixomil.

Aos doentes desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

Falec. e Sufrágios

D. Cacilda da Purificação Esteves de Faria

Vizela, 8 — Na sua Casa de Souto-Longo, na vizinha freguesia de Santa Eulália de Barrosas, subúrbios desta Vila, faleceu, com 72 anos, esta bondosa senhora, viúva do sr. Miguel Estêvão Leite de Faria.

A saudosa extinta era mãe dos srs. Dr. Joaquim Esteves de Faria, Presidente da Câmara Municipal de Santa Comba-Dão, P.º João Faria, pároco da freguesia de Alfena (Valongo) e das sr.ªs D. Sílvia Faria Bastos, professora do Liceu de Guimarães, D. Maria Aurélio, D. Maria de Lourdes e D. Beatriz de Faria, professora de ensino primário, e sogra do sr. José Joaquim Bastos, comerciante nesta Vila.

O seu funeral, que constituiu uma grande manifestação de pesar, realizou-se na terça-feira para o cemitério daquela freguesia, e nele se incorporaram muito povo, altas figuras sociais, uma delegação dos Bombeiros V. de Vizela e diversas confrarias.

A chave da urna foi conduzida pelo sr. Governador Civil de Viseu.

A família em luto apresentamos os nossos cumprimentos de sentidas condolências. — C.

Vida Católica

Festa de Santa Luzia

No templo de S. Dâmaso realizou-se ontem, com muito esplendor, a festividade anual em honra da Mártir Santa Luzia, que constou de Missa Solene, de manhã, e, à noite, exposição solene, sermão, Te-Deum e bênção eucarística.

O templo, vistosamente engalanado, registou grande afluência de fiéis.

Hoje haverá: missa rezada às 9,30 horas e, às 18, terço e bênção.

A festividade a Santa Luzia na capelinha da sua invocação, à rua de Francisco Agra, realizou-se ontem com o costumado brilho.

Novena do Menino Jesus

Como preparação para a festa do Natal, principia na próxima terça-feira, dia 16, a novena do Menino Jesus, nos seguintes templos: Igreja de N. S. da Oliveira, às 7 horas; Basílica de S. Pedro, às 8; Igreja Paroquial das Dominicadas, às 20,30; Igreja do Carmo, às 7; Igreja do Hospital, às 6,50; Santuário de N. S. do Perpétuo Socorro, às 18 e, aos domingos, às 16,30; Capela de S. Domingos, às 8; Capela de S. Francisco, às 7,30.

Na Igreja paroquial de Azurém realiza-se esta novena, com toda a solenidade, pelas 19,50.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Nobel, à Rua de Santo António, Telef. 40199.

No Clube Industrial do Pevidém

Foi projectado um documentário cinematográfico da Casa Georges Fischer

Com a assistência de grande número de industriais da futura Vila de Pevidém, desta cidade e ainda de outras localidades industriais, foi projectado, no preterito dia 6, no Clube Industrial de Pevidém, um documentário cinematográfico em bom colorido, sobre as automatizações da Casa Georges Fischer Sociedade Anónima Schafthouse (Suíça) e que algumas irmãs desta região já introduziram nas suas indústrias têxteis.

Estavam presentes os srs. Eng.ºs Walter Von Allmen, delegado, e F. Vilas Boas, e ainda o sr. Felisberto Rodrigues, do Porto, representante da G. F., que no decorrer do documentário deram explicações.

A título de curiosidade vamos dar algumas passagens dessa conferência: — «Os automáticos são aplicáveis em teares para quatro cores dando para algodão e seda. Os primeiros aplicados em Portugal a duas e quatro cores foram na Fábrica da Cruz de Pedra, desta cidade, pois até ao momento só havia de uma lançadeira. Sobre algodão as primeiras montagens foram feitas em 1948 na Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe e Companhia Fabril do Cávado, seguindo-se montagens sucessivas na Companhia de Fiação e Tecidos de Alcobaça, João Ribeiro da Cunha & Filhos, Ld.ª e Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Tirso, Ld.ª.

Presentemente aguardam montagem Albano Coelho de Lima & Filhos, Ld.ª, Fábrica de Fiação e Tecidos do Jacinto, Ld.ª, etc.

Na totalidade das automatizações montadas e a efectuar no decorrer deste ano atinge-se cerca de 800 teares automatizados, a pleno contento da indústria que os adquiriu. Finalmente informaram que existem no mundo, presentemente, 55.000 teares automatizados pela Firma Georges Fischer, S/A, além dos que, mensalmente, alguns dos mais cotados construtores de teares da Europa empregam nos seus teares de origem.

Entre outros estavam presentes os conceituados industriais srs. Antero Henriques da Silva, Isac Ferreira, Francisco M. Coelho de Lima, Francisco Correia Pinto Lisboa, Américo Magalhães Araújo, Manuel Lemos Pinheiro, Alberto Gonçalves da Cunha, Joaquim José Ribeiro de Abreu, João de Lemos Pinheiro, António de Almeida, Alfredo Correia Pinto Lisboa, José Cardoso Rodrigues, Joaquim Augusto Ribeiro de Abreu, Manuel José Gonçalves da Cunha, Adelino M. Coelho de Lima, João José Gonçalves da Cunha, Eng.º Francisco Inácio da Cunha Guimarães, etc.

«DIÁRIO ILUSTRADO»

Festivejou o 2.º aniversário este importante diário vespertino.

Ao seu ilustre director, e a todos que ali trabalham, enviamos as nossas felicitações e apeteçemos uma longa vida carregada de prosperidades e triunfos como os que já conquistou.

Foi posto a descoberto um antigo cemitério

Quando se procedia às escavações para uma plantação de videiras, em terreno pertencente ao sr. dr. Alberto Carneiro, proprietário na freguesia de Gonça, deste concelho, foram encontradas várias sepulturas, feitas de pedra e bem alinhadas.

E' da tradição popular que ali próximo esteve outrora a igreja paroquial, transferida mais tarde para o Largo de S. Mateus.

O terreno pertence à Quinta da Igreja, que era o antigo passal, alienado em 1834 pelo governo Liberal, de que era Ministro da Justiça o sr. Joaquim António de Aguiar, conhecido por «Mata-Frades».

AS FESTAS DO NATAL

Foi recebida com muita satisfação a notícia de haverem os comerciantes do Largo do Toural e da rua de Santo António resolvido promover as Festas do Natal na parte central da cidade, ornamentando e iluminando as referidas artérias, o que se verificará a partir do início desta semana e até aos princípios de Janeiro.

A Câmara Municipal, num gesto louvável, patrocinou esta iniciativa, o que nos apraz registar.

Teatro Jordão

APRESENTA
ROSE, O'S 15 E O'S 21,30 HORAS
Cornel Wilde, Trevor Howard, Raymond Munn e Debra Paget em

A Vida, Amores, Aventuras de Omar Khayyam
Vista Vision
(Espectáculo para maiores de 17 anos)

TERÇA-FEIRA, 16 -- O'S 21,30 HORAS
Teddy Reno, Giulia Rubini e Peppino di Filippo em

O Pintor e... os Modelos
Total Scope

Um filme alegre e romântico, no ambiente da Via Margutta, em Roma. As mais interessantes e sensacionais canções italianas, interpretadas pelo magnífico cancionista Teddy Reno. (Espectáculo para maiores de 17 anos)

QUINTA-FEIRA, 18 -- O'S 21,30 HORAS
Orson Welles, Charlton Heston e Janet Leigh em

A SEDE DO MAL
Um filme de rara violência e grande emoção
(Espectáculo para maiores de 17 anos)

SEXTA, 20 -- O'S 21,30 HORAS
Dan Duryca e Jayne Maesfield em

Perfume e Violência
(Espectáculo para maiores de 17 anos)

DOMINGO, 21 -- O'S 15 e 21,30
Sara Montiel, Raf Valone e Ana Mariscal em

A RAPARIGA DAS VIOLETAS
Eastmancolor
Um filme que excede o êxito de «O último Couplet».
679 (Espectáculo para maiores de 12 anos)

Jesué Fernandes da Silva

AGRADECIMENTO

A Família do saudoso extinto agradece por este meio e profundamente reconhecida, a todas as pessoas que lhe apresentaram condolências ou tomaram parte no funeral, todas as provas de estima que lhe dispensaram e o grande conforto moral que procuraram dar-lhes, testemunhando-lhes a sua eterna gratidão.

Guimarães, 10 de Dezembro de 1958. 675

As mais lindas Rosas de Portugal

As mais famosas árvores de fruto

Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques

Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

Moreira de Silva & F.ª, L.ª

Rua D. Manuel II, 56 — PORTO

Assinal o NOTÍCIAS de GUIMARÃES

GRANDE BAZAR de Brinquedos de Natal

com óptimo sortido desde \$10.

Artigos de brindes próprios para a época.

ANTÓNIO DA SILVA

Rua de S. Dâmaso, 131 a 135
GUIMARÃES 675

CALÇADO para INVERNO

Últimos modelos, em pelarias Nacionais e Estrangeiras

PARA
HOMEM, SENHORA e CRIANÇA

SAPATARIA IMPÉRIO

TOURAL 680 Telef. 4395

Nova Fiação e Tecelagem de São Mateus, L.ª

RIBA DE AVE

A fim de serem conferidos, pede-se que até ao próximo dia 15 de Dezembro sejam enviadas notas de todos os créditos sobre a firma acima referida, por a mesma pretender alienar a sua fábrica e restante activo.

A remessa deve ser feita para a Rua Sá da Bandeira, 636-2.º - Dt.º - Porto, ao cuidado da credora -- Algodões F. Rocha Gonçalves. 660



IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO

FAUSTINO CARVALHAL

Rua da Rainha, 61-1.º D.º

End. Telegráfico
Telegramas: FIBRATEX — GUIMARÃES

Importador e distribuidor exclusivo, em Portugal, das fibras artificiais LANITAL «S» e VITALAN.

FIOS DE: algodão, mistos, fioco, Lanital e Vitalan. 475

Ofertas e Procuraas

Aos estudantes

Recebem-se dois estudantes, em casa séria. Aceitam-se alunos para admissão aos liceus. Pedir informações na Sociedade de Azeites Moura, Ltd.ª — Avenida Conde de Margaride — Guimarães. 520

Aluga-se

Optima moradia, independente, acabada de construir no Largo da Cruz de Pedra. Falar na Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, L.ª. 607

ENBRRIAGENS E TRAVÕES

Electro-Magnéticos Alemães da Marca «BINDER MAGNETE»



Senhora licenciada, tendo sido professora da Escola Técnica, dá explicações e habilita para exame em Português, História e Francês, alunos de qualquer ano do Liceu e de qualquer curso da Escola Técnica. Tel. 40459. 584

Fourgonette

Vende-se uma de 1.000 Kilos de carga, usada, em boas condições. Ver e tratar nos baixos desta Redacção. Telefone 4457. 659

Bicicleta motorizada

Marca «Cinhal Pachancho», em bom estado de conservação, vendt-se. 676
Falar no Restaurante Jordão.

Vende-se Quinta em Guimarães.

A três minutos do centro da cidade, com cerca de 46.000 metros quadrados, com casa de senhorio, caseiro, cortes e adega, com água e monte anexo, produzindo 12 a 15 pipas de vinho, muita fruta e pagando de renda 7 carros de cereal. Informa esta redacção. 677

Representante para Portugal:
J. MONTENEGRO
L. 28 de N. lo. 78-1.º Telef. 4510 GUIMARÃES

Assinal o Notícias de Guimarães

DESPORTO

A Prova Maior do Futebol Nacional

Vitória, 3 — Caldas, 0

Os vimaranenses passaram a constituir a equipa com maior número de vitórias

Pode ser que não possamos registar o facto durante muito tempo. Também assim julgávamos quando a nossa equipa dava os primeiros passos firmes na competição. Porém é de o evidenciar, pois constitui mais um feito valioso da carreira do Vitória no Campeonato em curso. Decorridas onze jornadas, na tabela classificativa regista-se o Vitória com o maior número de triunfos alcançados até agora — oito, enquanto os tradicionais «grandes» se situam em números mais modestos.

Na realidade, só palavras de enaltecimento podemos escrever sobre as actuações da nossa equipa no torneio em curso. E vimos-nos na contingência da repetição, ao analisarmos a sua carreira sobre qualquer aspecto. É de tal maneira firme o seu caminhar, que ele só pode resultar do produto dum trabalho profícuo, feito sem alarmes, realizado no laboratório, que é o campo de jogos, consciencioso e da melhor maneira.

Podem as contingências futuras da luta afastar-nos do lugar que brilhantemente temos ocupado, mas, porém, tal circunstância só se justificará por aquilo que é considerado imponderável e que se não pode evitar — lesões, castigos e injustiças dos árbitros.

Por exemplo, esta última contingência foi já causa bem funesta para nós. Podíamos, neste momento, compartilhar do 1.º lugar, na companhia do Benfica, se naquele jogo Vitória-Sporting, a arbitragem do mesmo não desvirtuasse o seu resultado final.

Há necessidade, porém, agora de encarar o futuro dentro do prisma mais conveniente. Um resultado menos agradável pode-nos aparecer e precisamos de estar bem prevenidos para o aceitar. A luta, daqui para o futuro, é cada vez mais incerta. Começa-se a jogar pela segurança na prova e a usarem-se todos os processos para alcançar os resultados que convêm a cada um. Estando o Vitória fora dessa zona de influência nefasta, não pode, porém, deixar de a sentir, pois tem que se encontrar com os outros e a luta a travar é na realidade, para muitos, de vida... ou de morte.

Em Desporto não se devia pensar assim, mas as épocas anteriores contam-nos exemplos que bem justificam estas palavras.

Seja qual for a caminhada futura do Vitória na prova, temos entretanto a certeza de que ela se continuará a guiar pela noção de valia já evidenciada, bem patente e que não merece qualquer controvérsia.

A prova daquilo que atrás denunciávamos, está precisamente evidenciada pelo jogo, do último domingo, com o Caldas.

A equipa visitante veio para o nosso Campo somente com o sentido de não deixar jogar, usando os mais diversos processos para conseguir as suas intenções, desde o plano taticamente defensivo até ao recurso à *maroteira*, e evitar o predomínio da nossa equipa.

É certo que o Vitória soube contornar as dificuldades que se lhe depararam, pelo mérito dos seus elementos e pela indicação técnica que possuíam, prevenida para as circunstâncias em questão. Porém se a sorte, de qualquer modo, se mostra adversa, podia-se ter caído num encontro de nervos, em que o discernimento desaparece e a improvisação a tudo se sobrepõe.

criar o ambiente para ocasiões como estas, é que nos leva a escrever debaixo das ideias que expomos.

Temos, entretanto, de dizer que a superioridade do Vitória foi evi-

dente durante todo o jogo, nunca aparecendo o receio dum revez pois o *ferrolho* do Caldas impossibilitou-o de se tornar operante e capaz, portanto, de positivar qualquer intenção ofensiva.

Uma palavra mais só, para registar a tarde felicíssima de Bártolo.

Jogo na Amorosa, debaixo da arbitragem de Costa Martins, do Porto, tendo o Vitória alinhado com Sebastião, Virgílio e Daniel; Barros, Silveira e João da Costa; Bártolo, Edmur, Romeu, Carlos Alberto e Rola; e o Caldas com Rita, Amaro e Anacleto; Rogério, Saraiva e Pastorinha; Mateus, Romeu, Sarrazola, A. Pedro e Orlando.

Os golos foram marcados por Bártolo (2) e Edmur.

Hoje o Vitória desloca-se a Coimbra, onde defrontará a Académica a caminho dum recuperação que as suas tradições bem justificam. Temos assim um encontro bem difícil, onde somente um forte espírito de sacrifício e de abnegado esforço conseguirá impor a nossa valia. Como esperamos forte apoio por parte da numerosa falange de adeptos que acompanhará a equipa, ficamos convictos de que se pode vir a alcançar um resultado que conserve a equipa no *galartim* que a destaca e torne falado o nome de Guimarães.

L. R.

Campeonato Regional de Juniores

A 2.ª jornada deste torneio deu os seguintes resultados:

Vitória, 11 - Famacião, 0; Vianense, 0 - D. F. Holanda, 1; e Braga B, 0 - Braga A, 3.

Temos, deste modo, como normal o resultado da melhor equipa de Braga sobre a mais fraca do seu Clube; temos um facto digno de saliência, o triunfo do D. F. Holanda sobre o Vianense, no campo deste; e temos ainda como sensacional a amplitude dos números alcançados pelo Vitória sobre os famalicenses.

Na realidade este encontro, entre o Vitória e o P. C. de Famacião, foi deveras agradável de seguir-se. Todos aqueles que se deslocaram à Amorosa, na segunda-feira de manhã, teceram os melhores elogios à equipa vimaranense, quer pela valia da sua exibição colectiva, quer ainda, e principalmente, pela qualidade individual de alguns dos seus componentes.

Sómente, entre aquilo tudo, há de lamentar o nível da arbitragem, que não se coaduna com um encontro desta categoria, onde os jogadores devem ser elucidados sobre as leis do jogo e não confundidos pela sua aplicação errada.

Hoje o torneio prossegue com os jogos seguintes:

D. F. Holanda - Fafe; Braga A - Vianense; e Famacião - Braga B, descansando, dado o número ímpar de equipas, o Vitória.

Irmãdade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos

ASSEMBLEIA GERAL

Convidam-se todos os Irmãos a comparecer na Sala das Sessões, anexa à sua Igreja, no Largo da República do Brasil, no dia 14 de Dezembro, pelas 9 horas, para dar cumprimento ao preceituado no art.º 15.º dos Estatutos desta Irmãdade e da Lei vigente.

Não comparecendo número suficiente de Irmãos, desde já se faz nova convocação para o domingo, dia 21, à mesma hora.

Guimarães e Secretaria da Irmãdade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, 27 de Novembro de 1958.

662

O Provedor,

António José Pereira Rodrigues.

José Machado de Almeida & Companhia, Limitada

GONDAR — GUIMARÃES

Certifico que por escritura com data de 3 de Dezembro de 1958, exarada no meu respectivo livro de notas n.º 1-D, a fls. 79 v.º, Alvaro de Almeida, casado, proprietário, morador na freguesia de Moreira de Cónegos, deste concelho, e José Machado de Almeida, casado, proprietário, morador na freguesia de São Martinho do Campo, do concelho de Santo Tirso, constituíram entre si uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, da qual ficam sendo os únicos sócios, sendo as estipulações do seu pacto social as constantes dos artigos seguintes: (por minuta)

1.º

A sociedade adopta a firma José Machado de Almeida & Companhia, Limitada, tem a sua sede no lugar da Silva, freguesia de Gondar, do concelho de Guimarães, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início, para todos os efeitos, a partir de hoje.

2.º

O seu objecto é a indústria de tecidos de algodão e mistos e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a assembleia geral resolva explorar.

3.º

O capital social é de Duzentos Mil Escudos, representado por duas cotas de Cem Mil Escudos, cada, já integralmente realizadas, em dinheiro, uma subscrita pelo sócio Alvaro de Almeida, e outra pelo sócio José Machado de Almeida.

4.º

Não haverá prestações suplementares.

5.º

Qualquer sócio poderá fazer à caixa os suprimentos que forem julgados necessários, os quais, salvo acordo em contrário, não vencerão juros e serão pagos nos termos e prazo que se estipularem.

6.º

A gerência, dispensada de caução, será exercida pelo sócio ou sócios que a assembleia geral designar e de harmonia com os poderes que no acto da nomeação lhe ou lhes forem conferidos.

7.º

Nenhum sócio poderá usar da firma social em negócios estranhos à sociedade, sob pena de responder pelas perdas e danos que esse uso indevido venha a causar.

8.º

É sempre permitida a cessão total ou parcial de cotas entre sócios, para os seus cônjuges ou filhos, ficando desde já autorizadas as divisões de cotas que forem necessárias para se operarem as permitidas cessões.

9.º

A cessão de cotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade.

10.º

Se algum sócio pretender sair da sociedade assim o comunicará a esta por carta registada com aviso de recepção, com antecedência mínima de seis meses, mas a saída só se tornará efectiva no fim do ano social em que terminarem estes seis meses.

Parágrafo primeiro:

O apuramento do que pertence ao sócio que pretender sair far-se-á pelo balanço do ano social em que a saída se efectivou.

Parágrafo segundo:

O pagamento do que assim se apurar far-se-á em prestações trimestrais, iguais, vencendo-se a primeira prestação noventa dias após a aprovação do balanço referido no parágrafo anterior.

11.º

Se qualquer cota for penhorada, arrestada ou se por qualquer modo estiver sujeita a arrematação judicial, poderá a sociedade amortizá-la mediante depósito na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, à ordem do Juízo competente, da quantia correspondente ao valor nominal.

12.º

No caso de morte ou interdição de qualquer sócio a sociedade subsistirá com o sobrevivente ou capaz e com os herdeiros ou cônjuge do falecido ou com o representante do interdito.

13.º

A assembleia geral será convocada por carta registada com antecedência mínima de oito dias, salvo quando a lei exija outro prazo ou forma de convocação.

14.º

O balanço anual será encerrado em trinta e um de Dezembro e apresentado à discussão e aprovação da assembleia geral até ao fim do mês de Fevereiro do ano seguinte.

15.º

Os lucros líquidos apurados pelo balanço anual terão a seguinte aplicação:

a) — Cinco por cento para fundo de reserva legal enquanto não estiver constituído e sempre que seja necessário reintegrá-lo;

b) — Dez por cento para depreciação de maquinismos;

c) — O remanescente será distribuído pelos sócios na proporção das suas cotas.

16.º

No caso de dissolução os sócios procederão à liquidação dos haveres sociais pela forma que acordarem.

Parágrafo único

Se não houver acordo quanto ao modo de liquidação, o activo e passivo será adjudicado ao sócio que em licitação maior lance oferecer.

17.º

Em tudo o omissio regulará a lei de onze de Abril de mil novecentos e um e demais legislações aplicáveis.

Secretaria Notarial de Guimarães, aos dez de Dezembro de mil novecentos e cinquenta e oito.

O Notário, 678

a) Luis Filipe Aviz de Brito.

Batata de Semente Certificada

Nacional e Estrangeira

VENDE:

Pedro da Silva Freitas («Chafarica»)

11 — Rua de Santo António — 15
Telef. 4221 — GUIMARÃES

REPARO

Ao passarmos na Rua de Gil Vicente, notámos que a Loja do Retalho apresenta um grande saldo de lãs em fio, malhas exteriores e interiores, coberturas, etc., artigos próprios para o Inverno.

Ao passar pela Rua de Gil Vicente, repare V. Ex.ª na montra da Loja do Retalho. 618

Varela & Fernandes, Limitada

SEDE — GUIMARÃES

Por escritura de 22 de Novembro de 1958, lavrada pelo Notário de Fafe — Licenciado Seabra Falcão, entre António Varela Macedo e João Fernandes Pereira, foi constituída uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Varela & Fernandes, Limitada, tem a sua sede no Largo Doutor João da Mota Prego, número sessenta e cinco, da cidade de Guimarães, e a sua duração é por tempo indeterminado, com início no dia um de Janeiro de mil novecentos cinquenta e nove;

2.º

O seu objecto é a indústria de calçado ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria, em que os sócios venham e que não dependa de autorização superior;

3.º

O capital social é de oitenta mil escudos, em dinheiro, que já deu entrada na caixa social e de que pertence uma quota de setenta mil escudos ao sócio Varela, e uma quota de dez mil escudos ao sócio Fernandes;

4.º

Não serão exigíveis prestações e suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, nas condições que em reunião forem deliberadas;

5.º

A cessão de quotas, no todo ou em parte, por um sócio a estranhos, fica dependente do consentimento do outro sócio;

6.º

A administração da sociedade e a sua representação em Juízo e fora dele, activa e passivamente, incumbem a ambos os sócios, os quais ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução, sendo necessário para a sociedade ficar obrigada que os respectivos actos e documentos sejam assinados por ambos os sócios;

7.º

As reuniões da sociedade serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência de oito dias, pelo menos, salvos os casos para que a lei exija outras formalidades;

8.º

Por conta dos lucros poderão os sócios retirar mensalmente, uma importância, que não poderá exceder mil e quinhentos escudos, para cada um;

9.º

Os lucros serão divididos da seguinte forma: dez por cento na proporção das quotas dos sócios, e os restantes noventa por cento em partes iguais entre os sócios. — Da mesma forma serão suportados os prejuízos, havendo-os;

10.º

Durante os três primeiros anos os lucros que se apura-

rem ficarão cativos na sociedade, destinados à compra do maquinismos ou a qualquer outro fim que a sociedade deliberar;

11.º

Depois de decorrido esse prazo de três anos, o capital social poderá ser aumentado para cento e quarenta mil escudos, mas este aumento será feito pelo sócio Fernandes de uma só vez e unicamente com os lucros que tiver na sociedade a partir daquela data;

§ único

Depois de se verificar esse aumento de capital os lucros e perdas serão repartidos com igualdade por ambos os sócios;

12.º

A sociedade dissolve-se nos casos taxativamente marcados na lei. — Dada a dissolução, à sua liquidação se procederá como os sócios deliberarem ou for de direito;

13.º

Falecendo qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes exercerão em comum, por intermédio de um só por todos escolhido, ou respectivos direitos, enquanto a quota estiver indivisa, e

14.º

No omissio regularão as disposições da lei e as deliberações dos sócios devidamente tomadas.

Fafe, 2 de Dezembro de 1958. 671

O ajudante da Secretaria Notarial, Armino da Rocha Alves.

SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS

Federação de Caixas de Previdência

Sede: Avenida Manuel da Maia, n.º 58-2.º

LISBOA

AVISO

Admissão de médicos de Pediatría para a Delegação Clínica de Pevidém (n.º 197)

Está aberto concurso documental, pelo prazo de 30 dias, a contar do dia 28 de Novembro de 1958, para médicos pediatras da Delegação Clínica de Pevidém (N.º 197). As condições de admissão ao concurso encontram-se patentes na sede da Federação — Avenida Manuel da Maia, n.º 58-2.º — Lisboa, na Delegação da Zona Norte (Rua Alvares Cabral, n.º 328 — Porto) e na Delegação Clínica em referência.

O prazo para entrega dos requerimentos e demais documentação constantes das condições de admissão, termina às 18 horas do dia 27 de Dezembro de 1958.

Lisboa, 22 de Novembro de 1958.

645

A DIRECÇÃO

N. da R.

Por lapsu lamentável este anúncio deixou de publicar-se no dia 7 do corrente, como estava indicado, motivo por que se publica hoje, pedindo desculpa do sucedido.

Nos Industriais e Comerciantes

Já pensaste nos prejuízos sérios de vária ordem que resultam para o vosso Património da falta de escrituração, ou duma escrituração deficiente?

Contabilista sério e competente, que passou a exercer a profissão em regime livre e que se desloca a qualquer parte, pode ajudar-vos a resolver aquele e outros problemas affectos à Administração da vossa Empresa.

Esclarecimentos pelo telefone n.º 40194. 615

Aluga-se Um prédio independente, andares e stands para comércio. Nesta redacção se informa. 672

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO